

HOMERO – PRÓS E CONTRAS: A QUESTÃO HOMÉRICA COMO UM PROBLEMA DE TRADUÇÃO E O PROBLEMA DA TRADUÇÃO COMO UMA QUESTÃO HOMÉRICA

Roberto Mário Schramm Júnior

RESUMO: O presente ensaio enfoca a venerável e elusiva 'Questão homérica'. Meu argumento se inscreve em torno das apologias às versões homéricas de Matthew Arnold e Jorge Luis Borges, e tem como o objetivo formular essa pergunta insondável nos termos estritos de alguma teoria da tradução. Minha proposta: eu quero simplesmente discutir a questão homérica como uma questão tradutológica, e, por outro lado, discutir também a tradução como uma espécie de questão homérica. Para apoiar meu raciocínio, pretendo confrontar alguns fragmentos das traduções de Manuel Odorico Mendes e Donaldo Schüler para a Odisseia de Homero. O episódio selecionado consiste na captura de Proteu por Menelau, tal como descrito no livro quarto do poema.

Palavras-chave: Homero. Tradução Homérica. Questão Homérica. Manuel Odorico Mendes. Donaldo Schüler.

ABSTRACT: This Essay is very much concerned with the venerable and elusive 'Homeric Question'. My argument here, aiming to formulate the unfathomable question strictly on terms of some translation theory, follows the apologies – by Matthew Arnold and Jorge Luis Borges – to Homeric Versions. My proposal stands, however, as quite humble: I simply want to discuss the Homeric Question as translation-related; and on the other hand, Translation itself as some kind of Homeric Question. In support of my reasoning, I shall be confronting some fragments of both Manuel Odorico Mendes' and Donaldo Schüler's own renderings from Homer's Odyssey. The selected episode consists on the capture of Protheus by Menelaus, which is depicted in the fourth book of the poem.

Keywords: Homer. Homeric Translation. The Homeric Question. Manuel Odorico Mendes. Donaldo Schüler.

Contra ‘Homero’

Como todas as velhas questões, aquela que se diz Homérica vem desde sempre se dirigindo ao problema de proferir aquilo que ela está perguntando. Uma das vezes em que foi melhor formulada, deu-se, possivelmente, quando se a perguntou nos termos mais simples possíveis: ‘esse eterno problema: o que fazer de Homero?’ (..) A questão se declara com enorme precisão na medida em que entendida como referindo-se não a Homero enquanto autor individual, mas a própria noção de ‘Homero’, no sentido de suas transposições retóricas. O termo pode se referir ao poeta ou *aedo* da Grécia pré clássica. A questão então seria: Homero existiu como indivíduo – e o que se fará dele enquanto autor ou cantor de poemas como a *Ilíada* e a *Odisseia*? O termo pode também designar um *construto escritural*, que reproduz ou transmite um corpus poético. A questão aí se torna: sob quais condições os poemas correspondentes foram inicialmente transcritos, e como ficam as versões sobreviventes quando confrontadas a tais versões primitivas, escritas ou orais. Uma nova transposição torna Homero ícone de uma era historicamente precedente e intimamente conectada à Grécia clássica. Teremos assim a questão: qual o valor e a relevância da poesia Homérica no panorama geral da tradição literária da modernidade ocidental? (VAROS. 2002. p. 31)³⁴

³⁴ “Like all old questions the Homeric one has always mainly been about the problem of what it is about. One of its best general formulations is, perhaps its most simple one: “this eternal problem, what are we to make of Homer” (...). The statement is very precise, to the degree that we read it as referring not to Homer as an individual author, but to the very notion of Homer, in its rhetorical transpositions. The term can be a reference to a presumed poet or aoidos of pre-classical Greek times. The question would be: has Homer existed as a

‘Homero’ é um feixe de questões contradizentes. Muitas delas dizem contra ‘Homero’, e, por isso mesmo, favoráveis ao Homérico: e.g., ao romantismo da hipótese dos *Prolegomena ad Homerum* (1795) de F. Wolf³⁵, que sugerem um coletivismo e um corporativismo de *aedos* (os

distinct individual- and what exactly are we to make of him as the author or singer of poems such as the Iliad and the Odyssey? The term can also designate a scribal construct reproducing or transmitting a body of poetry. The question becomes: under what conditions were the corresponding poems initially written down, and how do their extant versions stand with respect to earlier ones, written or oral? A further transposition makes Homer into the figure of a whole era, historically preceding and immediately connected to classical Greece. We thus have the question: what is the value and significance of Homeric poetry within the overall setting of the literary tradition of Western modernity?” (VARSOS. 2002. p. 31)

³⁵ Walter ONG apresenta um sumário das disputas Homéricas até Milman Parry e o século XX: “O século XIX viu o desenvolvimento das teorias Homéricas dos assim chamados ‘Analistas’ iniciadas por Friedrich August Wolf (1759 - 1824), nos *Prolegomena* de 1795. Os analistas encaravam os textos da *Iliada* e da *Odisseia* como combinações de poemas mais antigos ou fragmentos, e pretendiam aplicar o método analítico para determinar quais eram esses pedaços e de que modo eles se foram sedimentando em camadas. Todavia, como aponta Adam Parry (1971, pp. xiv-xvii) os analistas partiram da suposição de que os pedaços que iam sendo combinados eram simplesmente textos, nenhuma alternativa vindo-lhes à mente. Inevitavelmente os Analistas seriam sucedidos pelos Unitaristas no começo do século XX. Os partidários do Unitarismo, muitas vezes pietistas literários e cultistas inseguros, mantinham que a *Iliada* e a *Odisseia* eram tão bem estruturadas, tão consistentes em suas caracterizações e, de modo geral, tamanhas obras de arte, que elas não poderiam ter sido produzidas por uma sucessão desorganizada de redatores, mas deveriam ser a criação individual de um único homem.” [The nineteenth century saw the development of the Homeric theories of the so-called Analysts, initiated by Friedrich August Wolf (1759- 1824), in his 1795 *Prolegomena*. The Analysts saw the texts of the *Iliad* and the *Odyssey* as combinations of earlier poems or fragments, and set out to determine by analysis what the bits were and how they had been layered together. But, as Adam Parry notes (1971, pp. xiv-xvii), the Analysts assumed that the bits being put together were simply texts, no alternative having suggested itself to their minds. Inevitably, the Analysts were succeeded in the early twentieth century by the Unitarians, often literary pietists, insecure cultists grasping at straws, who maintained that the *Iliad* and the *Odyssey* were so well structured, so consistent in characterization, and in general such high art that they could not be the work of an unorganized succession of redactors but must be the creation of one man.] (1982, p.20)

homéridas) como produtores do homérico, dos poemas homéricos. Muitas dizem contra Wolf, contra o seu contra-unitarismo, seu alegado niilismo anti-homérico, sua negação de Homero, e o seu ‘homicídio’. Muitas dizem contra-mas-a-favor de Wolf – na medida em que o erudito alemão introduzia o tema de uma rede de oralidades homéricas, constituídas e constituintes do ‘homérico’. Um contra as outras. Analistas³⁶ e Neo-Analistas³⁷ contra e a favor da visão Unitária do Homérico: um Homero,

³⁶ Aproveitamos como epígrafe dessa seção uma passagem da tese de doutorado de Georges Jean VARSOS, intitulada, muito apropriadamente *The Persistence of the Homeric Question*. VARSOS apresenta uma releitura benjaminiana da questão homérica, e suas considerações são inspiradoras para qualquer programa de aproximação da questão homérica e da questão da tradução. VARSOS também nos oferece uma breve genealogia das disputas homéricas: “O paradigma de Wolf estabeleceu o campo sobre o qual a questão Homérica vem sido debatida na academia pela moderna disciplina da Filologia. O debate se concentrou em uma série de problemas particulares que Wolf destacara como mais pertinentes. Até que ponto os escritos transmitidos concordavam com princípios de coerência narrativa e conformidade expressiva? Caso verificados como aberrantes, deveriam esses escritos serem drasticamente emendados ou reformados, na medida em que sua qualidade aberrante esteja associada com mecanismos defectivos de transmissão? Ou se deveria, pelo contrário, ressituar o momento do *cultus vitae* homérico ou mitigar os princípios da formação textual, de modo que aos elementos aberrantes se pudesse escusar ou justificar, de acordo com as condições da emergência inicial dos poemas? O debate foi invariavelmente visto como organizado em volta de dois polos: o polo dos analistas e o polo dos Unitaristas. Os Analistas costumam ser considerados uma expressão da nova ortodoxia da tradução filológica alemã, e são mais críticos com relação a legibilidade da vulgata que nos foi legada. Os Unitaristas estão, em sua maior parte, afiliados à tradições situadas fora do campo de influência do historicismo germânico (como os estudos clássicos Britânicos e comunidades extra-acadêmicas de eruditos), e resistem à revolução de Wolf.” (2002, p. 95) [“The Wolfian paradigm established the grounds on which the Homeric Question has been debated by the modern academic discipline of philology. The debate concentrated on a series of particular problems that Wolf highlighted as most pertinent. How far do the transmitted scripta comply with principles such as those of narrative coherence and expressive conformity? If they are found to deviate, should one attribute the deviance to defective mechanisms of transmission and proceed to drastic emendation or reformation? Should one, on the contrary, resituate the moment of the Homeric *cultus vitae* or mitigate principles of textual formness, so that the deviance maybe excused or justified, according to the conditions of the initial emergence of the poems? The debate has been invariably seen as organized around two poles: the pole of the analysts and the pole of the unitarians. Analysts, often considered as expressing the new orthodoxy of the German philological tradition, are most critical with respect to the readability of the received vulgate. Unitarians, mostly affiliated to traditions situated outside the field of German historicism (such as British classical studies or extra-academic erudition), are resistant to the Wolfian breakthrough.”]

³⁷ Os dois polos, que VARSOS associa às modernas tradições acadêmicas, parecem convergir entre os estudiosos mais recentes: “Neo Análise é uma metodologia que emprega a técnica dos analistas para obter uma interpretação unitária da *Iliada*. Ela assume a influência do

uma *Iliada*, uma *Odisseia* e miríades de interpolações que se interponham entre o texto estabelecido por Pisístrato na Atenas do século V e aquele laborado pelo velho poeta micênico. Um espesso emaranhado de uns e outros, de antigos e modernos. Intepolações que se interpõem entre Homero e nós outros, portanto, e que deveriam ser, senão expurgadas, ao menos expostas como espúrias. Contra esse expurgo. Contra todos, apesar de tudo: os Neo-Analistas, fundamentados pelos sólidos argumentos de um núcleo poético primitivo; Milman Parry³⁸ e os mais recentes grupos de proponentes da hipótese das fórmulas orais (cf. JENSEN, 1980, *passim*) – aqueles que partindo das fórmulas discursivas e da oralidade do polissistema homérico, indagaram a questão decisiva (e de Sísifo) da literatura ocidental. A questão mesma do Ocidente, da sua literatura, sua origem e permanência. Uma questão Homérica, uma questão que se contra-diz, uma questão que não quer calar.

material pré homérico sobre a poesia Homérica e busca descobrir indícios dessa influência.” (BURGESS, J. 2008, p. 150) [“Neoanalysis is a methodology that employs analyst technique in pursuit of a unitarian interpretation of the *Iliad*. It assumes the influence of pre-Homeric material on Homeric poetry and attempts to discover indications of this influence within Homeric poetry.”] Se os novos analistas se aproximam do unitarismo que os velhos analistas rejeitavam, o que estará em jogo? A questão mesma da autoria, de modo geral, ao invés da mera atribuição da autoria dos poemas homéricos?

³⁸ Parry foi o principal proponente da Teoria das Fórmulas Oraís (*Oral-Formulaic Theory*), que vem sido cortejada por unitaristas e contra-unitaristas. ONG oferece um sumário de sua contribuição: “A descoberta de Parry pode ser descrita da seguinte maneira: virtualmente todos os atributos distintivos da poesia Homérica são devidos à economia determinada pelos métodos orais de composição. Tais métodos podem ser reconstruídos por meio do estudo cuidadoso dos próprios versos, na medida em que se deixa de lado os pressupostos acerca da expressão e dos processos de pensamentos arraigados por sucessivas gerações da cultura literária. Esta descoberta mostrou-se revolucionária nos círculos literários e viria a causar tremenda repercussão na história da cultura e da psique.” (1982, p.21) [“Parry’s discovery might be put this way: virtually every distinctive feature of Homeric poetry is due to the economy enforced on it by oral methods of composition. These can be reconstructed by careful study of the verse itself, once one puts aside the assumptions about expression and thought processes engrained in the psyche by generations of literate culture. This discovery was revolutionary in literary circles and would have tremendous repercussions elsewhere in cultural and psychic history.”]

‘Contra’, disse a questão Homérica. Contra sua indefinição intrínseca, contra a quase impossibilidade de sua formulação. Impossibilidade de se fazer homérica em uma só uma pergunta – impossibilidade de que, numa só *pergunta*, a *questão* esteja toda posta. (Se a questão homérica se expressasse numa pergunta singular, a pergunta “que horas são?” expressaria toda a dimensão e o alcance da questão do tempo?) Por outro lado – se a questão homérica não se exaure numa única pergunta – o que afinal, perguntam as questões homéricas? A identidade de Homero? A autoria da Odisseia? Da *Iliada*? O estatuto das demais atribuições (os hinos, *margites*, os batráquios, etc.) Haverá um ‘núcleo homérico’ nestes poemas? Dois núcleos? Dois Homeros? Um *aedo* espontâneo reescrito posteriormente por um editor-poeta, um *bearbeiter*? Ou a questão homérica se refere, circularmente, a própria impossibilidade de sua formulação – sendo que aquilo que ela pergunta será justamente ‘no que consiste aquilo que indago?’ A questão homérica não será também algo proteica – no sentido de Proteu³⁹? Algo muito antigo, em constante transformação, que já é outro quando mesmo tentamos tocá-lo – assim como na narrativa de Menelau acerca de seu encontro com a divindade marítima, no livro IV da Odisseia. Se for assim, antes mesmo de tentarmos respondê-la, a questão se reformula, se ‘metamorfaz’ contrária ao anseio de fixá-la numa solução definitiva. Novamente: a questão homérica, no que se decide formular de um jeito simples, pergunta a si mesma: “o que sou eu?”

Contra Matthew Arnold

Contra a questão Homérica, a favor do adjetivo ‘homérico’. Fazemos uso dele nas situações em que precisamos expressar algo de hiperbolicamente intenso ou desmedido, quando tomamos um ‘porre

³⁹ Perceba-se que ‘Proteu’ produz uma terminologia etimologicamente ambígua. O nome do deus vale como ‘proto’ – primitivo, antigo, (como em proto-zoo-ario). Proteu é portanto o deus primitivo, o deus antigo (não ‘original’ contudo). Mas Proteu é também o mestre da forma, aquele que assume outras formas, conforme seus atributos. O adjetivo ‘proteico’, em nosso uso específico nesse ensaio, aludirá a essas duas acepções simultaneamente.

homérico’ seguido de uma ‘ressaca homérica’. Um trabalho homérico pela frente vale por doze trabalhos ‘hercúleos’? Nessas acepções, o valor de ‘homérico’ estará muito próximo do valor de ‘épico’ (ou mesmo ‘heroico’) – um porre homérico é um porre épico, pois, resulta na mesmíssima dor de cabeça hercúlea, e exige uma disposição ‘heroica’ para se ir trabalhar no dia seguinte.

Experimentemos colocar antes de ‘homérico’, não ainda a palavra ‘poema’, mas, por outro lado, expressões como ‘questão’, ‘dúvida’ ou ‘pergunta’. Verificaremos, nesse caso, ainda uma predominante alusão à intensidade, a intenção de exagerar uma intensão, uma hegemonia da proporção? Eu diria que sim, num certo sentido de que exagerar a dimensão da questão homérica expressa algo como: ‘o tamanho de uma questão traduz sua complexidade’ – como se uma questão muito complexa fosse uma questão muito grande – como se uma questão muito grande devesse ser expressa em muitas perguntas. Eu também contradiria: se procurarmos, justamente, substituir, neste caso, ‘épico’, ou ‘heroico’ por ‘homérico’, não encontraremos a mesma equivalência dos casos anteriores. Um porre homérico é o mesmo que um ‘porre épico’ mas uma ‘questão épica’ tem o sentido muito diferente de uma ‘questão homérica’, porque ‘uma questão homérica’ alude sempre a ‘A Questão Homérica’. Questão Homérica é a que pergunta por Homero, e que pergunta por si mesma.

Matthew Arnold, num parágrafo de *On Translating Homer (1861, s./p.)*, tomado aqui, propositalmente, fora do contexto:

Eu aconselho o tradutor a evitar qualquer contato com questões tais como: se tenha mesmo Homero existido; se o poeta da *Iliáda* era um só ou muitos; se a *Iliáda* é um único poema ou uma Aquileia e uma *Iliáda* interpoladas; se a doutrina cristã da Expição se reflete na mitologia Homérica; se a deusa Latona prefigura a virgem Maria; e assim por diante. Tais questões foram discutidas com

erudição, com engenho, ou melhor, com gênio; mas elas tem duas inconveniências: uma geral, para todos que as abordam, e outra particular para o tradutor. A inconveniência geral é que não existem, na verdade, dados suficientes para decidir qualquer uma dessas questões. A inconveniência particular é que a solução dessas questões pelo tradutor, ainda que fosse possível, não traria consigo nenhum benefício para a tradução⁴⁰.

O que se diz contra o parágrafo de Arnold? Agora que o citamos, o fizemos com uma certa contrariedade algo favorável, ou francamente favorável – o ‘contra-mas-a favor’ do poema de Augusto de Campos que homenageava João Cabral⁴¹. Só que, pelo contrário, a-favor-mas-contra. A favor de Arnold, no que se refere a seu pragmatismo, a sua atitude frente ao abandono do tradutor à tradução. Mas será esse abandono possível? Que o tradutor cerre a vista no texto original - nesse caso o texto homérico - e ignore as condições de sua produção e o estatuto de sua originalidade, bem como a origem do original que tem diante de si? Cego, como Homero, para o proto-homérico? Decerto que pode o tradutor mergulhar no texto sem o ‘oxigênio suplementar’ da erudição acadêmica, será talvez, até aconselhável que o faça, num certo momento. Mas na medida em que produz a tradução, esse texto traduzido não apontará para fora de si, não refletirá de alguma forma as questões homéricas suscitadas pelo texto homérico?

⁴⁰ “I advise the translator to have nothing to do with the questions, whether Homer ever existed; whether the poet of the Iliad be one or many; whether the Iliad be one poem or an Achilleis and an Iliad stuck together; whether the Christian doctrine of the Atonement is shadowed forth in the Homeric mythology; whether the Goddess Latona in any way prefigures the Virgin Mary, and so on. These are questions which have been discussed with learning, with ingenuity, nay, with genius; but they have two inconveniences; one general for all who approach them, one particular for the translator. The general inconvenience is, that there really exist no data for determining them. The particular inconvenience is, that their solution by the translator, even were it possible, could be of no benefit to his translation.”

⁴¹ O poema consta do volume *despoesia* (1994). Ver referências.

Contra Matthew Arnold, ademais, porque a própria tradução (literária, ocidental) é, ela mesma, uma questão homérica. É homérica a questão de sua aderência ao original que pretende traduzir, é homérica a questão de sua fraternidade às demais traduções disponíveis. Homérica a questão da tradução, pois ela originou – como Homero – a literatura ocidental. Homérico o enigma da tradução, porque – muito embora se mostre claramente no produto traduzido – a tradução se mostrará evasiva no processo tradutivo.

Tal ‘evasão’, por sua vez, consiste nos inúmeros pretextos para retextualizar um texto, nas inúmeras soluções possíveis para cada hexâmetro em cada novo idioma, para o mesmo verso em cada versão. A questão da tradução é uma questão homérica e, portanto, como disse Arnold, uma questão inconveniente. Sabemos que existe uma resposta, que deve haver uma resposta, mas que provavelmente nunca chegaremos a ela.

O ‘homérico’ dessas questões, talvez se refira simplesmente a isso: temos Homero e temos suas traduções, mas não saberemos jamais como chegamos a elas – nunca teremos dados suficientes, e se os tivéssemos, eles seriam inúteis.

Primeira entre pares

Contra o pragmatismo homérico de Arnold, portanto mas a favor do pragmatismo homérico de Borges. A favor das versões homéricas, que reencenam no mesmo palco a questão da tradução como uma questão homérica e a questão homérica como um problema da tradução. Fala Borges em seu ensaio:

Os feitos da *Iliada* e da *Odisseia* sobrevivem em sua plenitude, mas desapareceram Aquiles e Ulisses, assim como aquilo que Homero queria

representar ao nomeá-los, e aquilo que, na realidade, pensou deles.”⁴² (1996, p. 241)

A favor de Homero – de Homero personagem de Borges em *El Inmortal*. ‘Que sabes da Odisseia’, pergunta o peregrino de Tebas Hekatôm pilos. Responde, Homero personagem de Borges, que dá-se ao reconhecimento: “Muito pouco. (...) Menos do que o rapsodo mais humilde. Já se passaram cem mil anos desde que eu a inventei.”⁴³ (1996, p. 540). O mesmo Borges que “criou” Homero, todavia, é também criatura de Homero enquanto leitor desses poemas homéricos que engendraram a literatura ocidental. Mas o Borges leitor de Homero é o leitor das traduções homéricas – e essas traduções assemelham-se aos cantares dos *aedos* errantes de outrora, pelo menos no aspecto desse renascimento da canção na boca de cada novo cantador. Os tradutores modernos – afirma o Borges criatura – carregam a tocha dos *aedos* antigos, fazem por meio da escrita interlingual o que faziam “via oral” e ‘interdialetal’, há mais de “*mil cien años*”, os homéridas de antanho. Afinal, estamos diante do Homero de Borges, que afirma desconhecer boa parte da Odisseia e, sendo assim:

(...) desafirma com essa resposta sua própria autoria, sua autoridade sobre aquele texto que percorreu mais de um milênio e, ao mesmo tempo, lança parte da responsabilidade dessa autoria para aqueles rapsodos, leitores-narradores-tradutores de um texto que circula de boca em boca ao longo do tempo. (MOREIRA, 2009, p. 254)

A favor, portanto, da tradução enquanto questão homérica. A favor, sobretudo, da questão da tradução homérica enquanto um

⁴² “Los hechos de la Iliada y la Odisea sobreviven con plenitud, pero han desaparecido Aquiles y Ulises, lo que Homero se representaba al nombrarlos, y lo que en realidad pensó de ellos.”

⁴³ “Muy poco. (...) Menos que el rapsoda más pobre. Ya habrán pasado mil cien años desde que la inventé.”

confronto e uma acomodação das versões de Homero entre si próprias, antes do que entre cada uma delas isoladas em combate direto com o texto grego. A proposta de Borges, parte da proposta de Matthew Arnold, mas em muito a supera, em termos de sua ‘originalidade’. Com Borges é que nos damos conta de que os textos gregos de Pisístrato, que se nos interpõem como os originais de Homero, nada mais são do que versões de Homero. A versão grega de um original desconhecido – apenas outra versão. Borges extrapola o argumento de Arnold – que se dirigia contra a questão homérica sob a perspectiva do tradutor de Homero – para a negação mesma da relevância do texto grego. O original, assim, reduzido – se não apenas a ‘uma versão como outra qualquer’ – a, quando muito, uma dúvida e quase impotente posição de primeira entre pares. A versão de Pisístrato, a pacificadora, a pedra de toque das demais versões homéricas também é, por outro lado, uma velha rainha em um sistema feudal. Seu poder é ofuscado pelos seus pares poderosos, que lhe suplantam, em seu conjunto, muito de sua majestade. Nenhum deles pode desafiá-la individualmente, mas seu poder monárquico terá que se submeter ao conjunto de seus pares reunidos.

Poder de Polícia

Não queremos injuriar nem diminuir nossa soberana. Nossa versão homérica dos poemas de Homero, é tudo o que dizem por aí: o texto ancião em grego, a codificação de Pisístrato, a proeza de Sólon, o texto profano beatificado pela escritura, para ser lido no aniversário da *polis*. Esse texto, que nos legou a tradição, é o par que policia todas as demais versões. Aquele texto, a versão grega que lá está, nas edições bilíngues da *Ilíada* e da *Odisseia*, à esquerda das incontáveis versões em inúmeros idiomas vivos e mortos: é esse texto que assume a função de pedra-de-toque diante da qual se costuma valorar a tradução. Diante do texto que acreditamos resultar de Pisístrato, ajoelham-se e se submetem grandes textos e autores da literatura ocidental. Diante dele em confronto individual, cada tradutor de Homero, cada tradução da *Ilíada* e da *Odisseia*, confessam suas infidelidades. Suas deformações, suas licenças

prosaicas, suas incompreensões e ignorâncias. O Homero de Pisístrato (a versão homérica, a tradução policial) se faz juiz das demais versões. Mas quem vigia o vigilante, quem se faz de polícia da versão homérica, de juiz da versão de Pisístrato? Escólios e papiros, em pequeníssima proporção? Teremos que citar Polífemo, pois a resposta para essa pergunta é a mesma que ele deu para seus irmãos Ciclopes quando eles perguntavam “quem te cegou Polífemo” e ele respondia, pateticamente, “Ninguém”. Ninguém cegou Polífemo. Ninguém escreveu a Odisseia. Ninguém policia a polícia.

Nada contra o texto grego: sabemos que esse ninguém é alguém, e acreditamos que este alguém são muitos. Muitos *aedos*, muitos poetas muitos tradutores. Apreciamos o texto em grego, sinistramente à esquerda em nossas edições bilíngues, ainda que não o possamos ler, ainda que sequer possamos avaliar se o texto que o poeta traduziu corresponde mesmo ao texto grego que o editor publicou. Nosso professor Teodoro Rennó Assunção advertiu-nos desse particular - e aponta para algumas incoerências constrangedoras: “Ver o exemplo do verso 5 da *Ilíada* na tradução de Haroldo de Campos, que adota o texto de Zenódoto, *dai'ta*, e não *pa'si*, que é a variante do texto grego reproduzido na página ao lado” (2012, p. 02).

Polícia é para quem precisa, e certamente que o tradutor de Homero precisa de um poema para traduzir; de uma *polis* para habitar. Note-se, todavia, que a versão homérica de Pisístrato não chegou até nós em seu esplendor original e originante - admite-se que temos a versão de Pisístrato em nossas mãos apenas na medida em que são muito pequenas as variações existentes entre os numerosos códices que nos foram legados (AUBRETON, 1968, p. 20 - 23), os quais se encontram, por sua vez, sob a jurisdição dos papiros (1968, p. 23 - 25) e Escólios. (1968, p. 25 - 28), os quais oferecem pequenos trechos com os quais se é possível determinar a antiguidade e acuidade do texto que emana da edição de Pisístrato, a versão homérica por excelência: “Digamos simplesmente que consta ter aparecido um texto único, em Atenas, por volta do século VI”. (1968, p. 16). Admitamos também que apenas as denominações de alguns desses

códices já contam como verdadeiros poemas: o *Venetus Marcianus* do século X, descoberto em 1779, o *Londinensis Burneianus*⁴⁴ do ano de 1059. As histórias desses volumes, de suas descobertas, elaborações e disseminações continuam a render nas mãos de eruditos e ficcionistas – como o próprio Borges o atesta. A atenção do tradutor de Homero, terá que estar, segundo as normas vigentes, apta a inquirir o texto em grego que resulta desses códices. Neste sentido portanto deve estar atento para o fato de que:

O primeiro e importante procedimento é o da escolha da edição do texto grego original a ser usado, pois este texto contém muitas variantes que (quando não escolhidas, constando ao menos no aparato crítico) poderiam eventualmente ser utilizadas ou admitidas em um texto múltiplo (mais próximo talvez da multiplicidade das performances orais), donde a importância de um aparato crítico bem feito e, na necessidade de uma única escolha (o que não ocorreria em um texto múltiplo), da plausibilidade ou acerto das escolhas. (ASSUNÇÃO, 2012, p. 02)

Todavia, há que se contradizer qualquer abuso do poder de polícia por parte da versão homérica; que posicionar-se contra o estabelecimento de um estado policial, uma ditadura de Pisístrato. Contra a coerção gratuita, o *bulling* da versão grega sobre as demais versões. O espaço de manobra do tradutor não será menor do que o espaço de manobra dos antigos *aedos*. Ou não variavam os *aedos* enquanto cantavam Homero? Quem sabe não inventassem Homero enquanto cantavam as rapsódias? De qualquer maneira, quem canta um Canto, aumenta um tanto. Os ensaios de Borges e Arnold são apenas dois dos mais célebres

⁴⁴ Estaria esse último, satanicamente, a profetizar o grande fogo na Londres de 1666, época em que os londrinos puderam dizer com toda propriedade e toda literalidade que “*London’s Burning/Before us now?*” Bem, o nome *Burneianus* se refere a Caroli Burnei. Nada deve ao verbo ‘to burn’, mas se Deus está, como dizem, nos detalhes, o diabo deve estar no quadro inteiro.

exemplos de um reconhecimento tardio, mas necessário do papel desse notável ecossistema homérico composto pelas incontáveis versões de Homero. Essas traduções fizeram a literatura ocidental tanto quanto os poemas micênicos que as originaram. Essas traduções foram, de certo modo, mais influentes, pois influíram de maneira direta sobre um número muito maior de leitores. A maioria esmagadora dos leitores de Homero, leu Homero apenas em versões não-gregas, nas traduções para o vernáculo. E fez muito bem.

Novos Homéridas

Não é verdade que tenha sido Homero a inaugurar a literatura latina. (AUBRETON, 1968, p. 320) Foi, outrossim, o ‘Homero’ traduzido por Lívio Andrônico o verdadeiro pai da criança. Homero engendra o classicismo latino por procuração, por controle remoto, à distância e alheio ao fato. No seu ABCdário da leitura, Ezra Pound dizia que Homero era o exemplo máximo da música verbal do verso antigo, o maioral da melopeia. Por outro lado, a formação de Pound era, efetivamente, em letras românicas, e ele leu a Odisseia, como nos recorda Augusto de Campos, por meio da “versão latina (1538) de Andreas Divus Justinopolitanus” (1993, p. 36) – versão da qual Pound retraduz trechos do livro XI da Odisseia de Andreas para o Canto I de seus *Cantares*.

Keats escreveu um famosíssimo soneto em homenagem ao Homero de Chapman. Eu mesmo, andei traduzindo, livremente, esse soneto – de uma forma que nos pode interessar. Que me seja permitido citar dessa minha tradução, ao invés daquela outra (bem melhor) de Péricles Eugênio da Silva Ramos (2010), apenas para que eu possa seguir esse raciocínio:

[À primeira vista do Homero de Chapman.]⁴⁵

Já havendo pisado nesse áureo solo
E os reinos de ouro já os tendo visto...
As ilhas do Oriente? – Pelos nomes as listo –
Onde há bardos fiéis à alcunha de Apolo.
Por vezes diversas, de polo a polo,
Disseram-me: ‘Homero é o monarca benquisto’;

De cuja rapsódia eu apenas conquisto,
tradita por Chapman – que eu trago a tiracolo.

⁴⁵ O soneto de Keats:

Much have I travell'd in the realms of gold,
And many goodly states and kingdoms seen;
Round many western islands have I been
Which bards in fealty to Apollo hold.
Oft of one wide expanse had I been told
That deep-brow'd Homer ruled as his demesne;
Yet did I never breathe its pure serene
Till I heard Chapman speak out loud and bold:
Then felt I like some watcher of the skies
When a new planet swims into his ken;
Or like stout Cortez when with eagle eyes
He star'd at the Pacific—and all his men
Look'd at each other with a wild surmise—
Silent, upon a peak in Darien.

Achei-me descobrindo um novo planeta
 Desde que o li pela vez primeira:
 Senti-me Cortéz, baixando baioneta;
 Estarrecido - sobre a companhia inteira.
 Encarando ao Pacífico, pasmado à faceta,
 silente, do pico do Balboa, à beira.

Quem conhece Keats estranhará principalmente o último verso. No poema de Keats, a símile alude a Cortéz maravilhado com a vista do pacífico, Keats escreve: “*and all his men/Look'd at each other with a wild surmise-/Silent, upon a peak in Darien*” (2011, p. 102), e Péricles traduz “O pacífico havia divisado além/Seus homens a se olhar supondo com aflição/E ficou sem falar num pico em Darien” (2011, p. 103). Não importa tanto, aqui, que eu tenha feito um pequeno jogo anacrônico aludindo ao não ter sido, na verdade, Cortéz o primeiro a olhar o Pacífico sobre a colina em Darien. A honra, como apontara o poeta vitoriano Lord Alfred Tennyson, coubera a Vasco Núñez de Balboa (1475 - 1519), que por causa disso, deu seu nome a esse pico em Darien - que Keats fez Cortéz subir. O que nos importa aqui será por um lado, ilustrar o espaço de manobra de que dispõe o tradutor - espaço conquistado em grande parte pelos autores de versões dos poemas de Homero, pelos tradutores homéricos.

Sobretudo, nos importará também, aqui, marcar que o inusitado na sintaxe do verso “silente, do pico do Balboa, à beira.” remete especificamente ao autor das mais polêmicas e relevantes versões de Homero na língua portuguesa. Meu verso parodia e homenageia o latinismo libertário das traduções de Homero propostas pelo poeta maranhense Odorico Mendes, tido por Haroldo de Campos como o pioneiro da transcrição poética - havendo lançado:

(...) um projeto poético maior de latinização (e não helenização) do português, que leva - tanto no plano do vocabulário e da construção frasal quanto no da narrativa (por exemplo, com a supressão de blocos formulares “repetidos”) - a

Homero – prós e contras: a questão homérica como um problema de tradução e o problema da tradução como uma questão homérica | 97
uma concisão que pode certamente parecer
própria à poesia segundo uma certa concepção
moderna (...) (ASSUNÇÃO, 2012, p.05-06).

Meu verso, assim obliquamente traduzido, com sua sintaxe rococó à Odorico, saúda o tradutor maranhense de Homero – no espírito em que o poema de Keats que eu traduzi saudava e homenageava as traduções de Homero propostas por Chapman.

Doravante eu gostaria de retomar minha argumentação, já quase apologética, a favor da autonomia do polissistema das traduções de Homero, e de sua independência (relativa) com relação ao poder de polícia da versão canônica, o Homero de Pisístrato. Pretendo fazê-lo por meio do cotejo de certos episódios nas traduções de Homero, procurando empreender tal análise comparativa sem fazer qualquer menção à ‘versão homérica de Homero’, ao texto grego que se impõe como original e fato gerador de suas contrapartes.

A captura de Proteu

Quero, portanto discutir agora essas traduções como textos autônomos e complementares, que estabelecem sua relação de paridade sem qualquer relação de apriorística desigualdade de uma frente à outra. Trata-se, pois, de confrontar tradução contra tradução, abdicando assim de uma marcada relação de poder – sem que um texto se estabeleça com o policial do outro. Levo isso adiante retomando também minha homenagem e saudação a Odorico Mendes – que foi, para todos os efeitos, Chapman para o meu Keats. Dessa forma elejo as duas traduções homéricas de Odorico, primeiras integrais na língua portuguesa, e confronto elas com traduções mais recentes de Homero publicadas no Brasil: A Ilíada de Haroldo de Campos – a qual, infelizmente, não poderemos tratar diretamente nesse ensaio, pois já nos alongamos demais – e a Odisseia de Donald Schüller.

Quero começar essa comparação retomando também aquela discussão da questão homérica como uma questão tradutológica (i), e da questão da tradução como uma questão homérica (ii). Nada melhor para tanto, do que eleger o episódio da narrativa de Menelau acerca de seu encontro com Proteu, no livro IV da Odisseia, e consultá-lo nas traduções de Schüller e Odorico. Pretendo compará-las, eu insisto, como versões homéricas autônomas sem fazer menção ao texto grego – texto que entretanto, subjaz e policia as traduções brasileiras, fato que se mostra na simples comparação das traduções, no reconhecimento de sua origem comum pela via das coincidências, pelo “supratexto dessas obras” que adivinhamos no confronto das “variantes possíveis” (COSTA, 2005, p. 170), das variantes que dispomos. Creio que essa análise supra textual do Homero que emerge de Schüller vs. Odorico nos fornecerá alguns indícios para a primeira questão (i). A questão seguinte (ii), por outro lado, se manifestará nas metáforas e preceitos que emergem, de ambas as traduções, às quais, sabendo reconhece-los, poderão nos oferecer elementos para esclarecer o próprio processo tradutório – daí a escolha desse episódio de Proteu, mestre das transformações. Trataremos ambas as questões de forma simultânea, mas chamamos a atenção do leitor que nossa abordagem de (i) implica num gesto de confronto entre as versões, enquanto nosso tratamento de (ii) sugere, por outro lado, tentar perceber em quais pontos relevantes as versões se complementam.

Proteu, antiga divindade dos mares inconstantes é como a própria tradução: um “monstro sucessivo”, assim como o seu duplo, o *Baldanders*, que é descrito por Borges e Guerreiro no *Livro dos seres imaginários* como “um monstro sucessivo, um monstro no tempo (...) No cinto leva uma espada e nas mãos um livro aberto”⁴⁶ (1998, p.45). Borges não oculta suas fontes, e tão pouco ocultaremos nós que o próprio Borges nos tenha sugerido essa passagem de Proteu para análise:

⁴⁶ “un monstruo sucesivo, un monstruo en el tiempo (...) En el cinto lleva una espada, y en las manos un libro abierto (...)”

Baldanders (cujo nome podemos traduzir por ‘já diferente’ ou ‘já outro’) foi sugerido (...) por aquela passagem da Odisseia em que Menelau persegue o deus egípcio Proteu, que se transforma em leão, em serpente, em pantera, em um desmedido javali, em uma árvore e em água.⁴⁷ (1998, p. 44)

Concebemos também a tradução como um *Baldanders* – um monstro sucessivo e uma sucessão de monstruosidades através do tempo – um monstro metamórfico que se transmuta a cada vez que o tentamos tocar, e cujo vínculo para com a monstruosidade original que pretende traduzir se mostra tão nítido ao olhar quanto escorregadio ao toque.

Sem mais delongas, ao contexto do episódio. Ele ocorre no livro IV da Odisseia. Telêmaco, filho de Ulisses, busca o pai (Odiseu na versão de Schüler, que preserva a grafia grega para o nome do herói da Odisseia). O rapaz vai dar em Esparta, vai perguntar ao rei Menelau sobre o paradeiro paterno. O rei de Esparta lamenta não ter notícias concretas do paradeiro de Ulisses/Odiseu, mas alega saber que o herói Ítaco estava vivo e aprisionado na ilha de Calipso. Menelau diz ter ouvido isso em suas viagens, da boca de Proteu – e narra para Telêmaco a história de seu encontro com o velho do mar.

Estava Menelau, naquele tempo, ele próprio perdido no pélagos, e amargava com os sócios o exílio involuntário numa ilha desconhecida, quando ouve a voz de alguma deusa. Menelau a percebe compadecida de suas penas. Ele interpela a deusa, que revela ser Idotéia, a filha do velho Proteu. Schüler propõe um Menelau intempestivo e aflito:

⁴⁷ “*Baldanders* (cuyo nombre podemos traducir por ‘Ya diferente’ o ‘Ya otro’) fue sugerido (...) por aquel pasaje de la Odissea en que Menelao persigue al dios egipcio Proteo, que se transforma en león, en serpiente, en pantera, en un desmesurado jabalí, en un árbol y en agua.”

Responde-me, os deuses não sabem de tudo? Quem me ferrou? Quem dos divinos retarda meu retorno? Como atravessar essas águas povoadas de peixes? Minhas aflições não ficaram sem resposta: [fala agora Idotéa] 'Terás de mim estrangeiro, palavra honesta. Vem a este lugar o Velho do Mar. Ele não mente. Falo de Proteu, o egípcio. De águas sabe tudo, qualquer recanto. Consideram-no companheiro de Posidon. Admira, consta que sou filha dele. Se com truques conseguires prendê-lo ele te indicará o caminho e a distancia que ainda tens a percorrer para vencer esse território de peixes, o mar salgado. Digo-te mais, caso queiras saber o que aconteceu em tua casa, de bom ou mau, durante tua longa e penosa ausência, a um pedido teu ele o relatará (SCHÜLER, 2007, p. 111 - 113)

Odorico canta a mesma rapsódia numa tonalidade muito outra:

Ó deusa, contestei, seja qual fores,/Por meu gosto o não faço, mas suponho/A celicula algum ter ofendido./Ora dize, a imortais é claro tudo,/Quem assim me proíbe o mar piscoso./Ela ingênua me foi: 'Do Egito o velho,/de Netuno ministro aqui se aloja,/Proteu meu pai, que as húmidas entranhas/Tem sondado e conhece. Há de ensinar-te,/Se obténs prendê-lo, como a rota sigas./E, se o queres também, de Jove aluno,/Os maus ou bons domésticos sucessos/Durante erros teus no instável pego. (MENDES, 1996, p. 112)

Quase tudo que houver para se dizer, em termos estritamente estilísticos, das diferentes escolhas desses tradutores, se deveria manifestar em quaisquer fragmentos que tomássemos aleatoriamente. Esses, que escolhemos, não nos desapontam. Está bastante manifesto o latinismo de

Odorico Mendes – sua vontade de arcaísmo, de reverter a linha evolutiva das línguas românicas – ainda mais quando em franco contraste com o tom coloquial do texto de Schüler. A versão de Odorico persegue o arcaico, tem em vistas a *arché* dessa Odisseia que traduz, mas como corretamente aponta Teodoro Assunção, essa *arché* é latina: o projeto de Odorico é antes latinizante do que helenizante. Essa *arché* já virou origem⁴⁸, já virou antiguidade. A principal qualidade que faz transcriativistas como Haroldo de Campos consagrarem Odorico enquanto ‘padroeiro’ da tradução criativa, emana do compromisso de Odorico em seu esforço de recriar o idioma do original no idioma do traduzido por meio da tradução. Acontece que no caso de Odorico o idioma recriado não é o grego, mas o latim da Eneida que ele mesmo traduzira antes – e onde pôde desenvolver o estilo barroco e conciso, as estratégias de compressão dos pés hexâmetros (gregos ou latinos, pouco importa) para o sistema silábico do decassílabo heroico. Note-se que o processo latinizante de Odorico já está bastante evidente no que se refere a sua predileção pelos nomes latinos de seu Herói (Ulisses) e de seu antagonista divino (Netuno). Schüler retém os nomes gregos de suas personagens (Odisseu, Poseidon), assim como opta pela tradução em prosa – rejeitando, por conseguinte a sujeição do texto a um sistema métrico autóctone. Se supomos que o faz para dar conta do texto homérico com mais fidelidade, e para evitar a perda de certas frequências poéticas nos filtros de compressão do decassílabo de Odorico, poderíamos dizer que, dos dois, seria Schüler o que mais se ressentir do poder de polícia, do poderoso fantasma do texto grego, da versão Homérica. Por outro lado, se levamos em consideração a ruptura de Schüler para com o estilo elevado da tradição Homérica, seu apelo para o coloquialismo, e para os recursos dos falares contemporâneos da língua de chegada, teremos, talvez, uma opinião diferente sobre o assunto. Verifiquemos o fragmento seguinte de Schüler: “Tendo ouvido essas generosas palavras, insisti: ‘Gostaria de saber com que armadilha prender esse velho prodigioso.

⁴⁸ “Origem” é uma palavra que vem do latim – *origo* – que pode traduzir o ἀρχή (*arché*) dos gregos.

Temo que, ao me ver, sabendo quem sou, trate de evadir-se. Dominar um imortal não é sopa” (SCHÜLER, 2007, p. 111 - 113).

Lembremos que é Menelau quem responde à exortação da deusa: que capturasse Proteu, para que soubesse a qual deus devia o seu exílio, como sair da lista negra e quais os eventos presentes que ignorava. Schüler novamente faz explícita sua opção por um registro absolutamente coloquial, por meio da reincidência da gíria moderna na boca de Menelau. No fragmento anterior era ‘quem me ferrou’, no atual ‘não é sopa’. Schüler estará muito provavelmente – no que emprega um registro e um estilo casual, e no que enfatiza alguma comicidade e ligeireza na narrativa (Menelau, é afinal, o corno do recital) – buscando comunicar-se com o jovem leitor homérico, de fazer a Odisseia aceitável para o leitor casual. Tal atitude, por princípio, já o torna antipático a certo setor de tradutólogos que prezam a recriação do ‘estrangeiro’ no projeto tradutológico – um setor que talvez não visse tantos problemas em certas domesticações que Donaldto operou enquanto ‘trad(a)utor’ do seu *Finícius Revém*. A objeção virá por que o estilo é claro e sem percalços, vanguardismos, neologismos ou canibalismos. O texto mais antigo, de Odorico, por outro lado, apresenta (se bem que de modo embrionário) todas essas características, muito embora ainda quase estivesse ao gosto médio do público rococó ancião e árcade tardio para o qual Odorico traduziu. Atentemos para sua versão dessa mesma passagem: “Eu [Menelau], porém: 'Com que insídias surpreendê-lo/Poderei, sem que fuja ao presentir-me?/Não é para mortais vencer a Numes.” (MENDES, 1996, p.112)

Capturar um monstro sucessivo, resolver as questões homéricas da tradução e a questão da tradução homérica – nada disso ‘é sopa’. Com que insídias surpreender o sentido oculto nos dois projetos legítimos de recriação do Homero, ademais quando renunciemos às facilidades do poder policial que a menção ao texto grego nos possibilitaria? (Quer dizer, se soubéssemos grego...) Lançamos nossas redes ao salgado mar piscoso, águas de Netuno e/ou Poseidon. As águas do velho do mar. Proteu é Homero – esse Homero supratextual que se transforma a cada versão, e

que nunca deixa de reter a sua história. Dois textos, de tempos e espaços diversos – monstro sucessivo, monstro temporal, – e no entanto, o mesmo texto, o mesmo discurso, a mesma narrativa – simetrias espantosas. Pastor de focas que tudo sabe, que tudo sonda. Será que algum de nossos contendores terá, na captura de Proteu, capturado também Homero? Verifiquemos, novamente, os textos:

(SCHÜLER, 2007, P. 115)

(MENDES, 1996, p. 113)

Ao meio-dia emergiu das águas o Velho. Passou em revista os corpos nutridos. Inspecionou todas, confirmando o número. A inspeção começou por nós. O ardil nem lhe passou pela cabeça. Deitou-se, por fim. Erguemo-nos aos gritos. Tentamos prendê-lo nos braços. Ao velho não faltaram virtudes nem reservas de artimanhas. Apareceram as jubas de leão. Vieram depois, os anéis de dragão, veio a pantera, veio o javali, dos grandes. Transformou-se em água corrente, árvore copada. Mas nós, de férrea determinação, não o largamos. Por fim o velho versado em truques, cansou. Encarou-me, e perguntou: 'Quem, filho de Atreu, foi entre os deuses teu conselheiro? O que queres?' Não deixei sem resposta a pergunta: 'Nada Ignoras, velho. Por que me vens com esse palavrório? *Estou preso nessa porcaria de ilha um motão de dias. [grifo meu, marcando outra gíria]* Não

Meridio vem Proteu; conta, examina,/Por nós principiando, o gado obeso/E sem dar pelo engano ali se estende./

A vozearmos súbito o agarramos:/Sem lhe esquecer o ardil, muda-se o velho/Em jubado leão, dragão, pantera,/Cerdo, riacho, ou tronco de alta copa;/

Mas com tenacidade unguído o astuto/

Lasso vociferou:

'Que deus, Átrida/A forçar-me instruiu-te? Que pretendes?'/

Mas eu: 'Por que me enganas tu que sabes?/ Que ansioso estou sem termo aqui detido?'/

Ora dize, a imortais é claro tudo!/'

encontro saída. Meu coração começa a fraquejar. Quero saber de ti - os deuses não sabem tudo? - isto: Qual dos divinos se pôs no meu caminho? Quem embarçou meu regresso? Por que não consigo atravessar este mar empanzinado de peixes.

Quem assim me proíbe o mar piscoso?"

O confronto direto das duas amostras chama nossa atenção para a força implacável de concisão que exhibe o verso do poeta maranhense, ou para a natural tendência a expansão de uma versão em prosa, como a que propôs Donald? O verso comprime enquanto a prosa glosa. Odorico, parafraseando Borges e Guerreiro, tem um livro aberto nas mãos e uma navalha (de Occam) no cinto. Haverão casos em que o corte será profundo demais, a ponto de dificultar a compreensão do texto, obscurecendo Homero. A virtude do decassílabo enxuto de Odorico é que a narrativa da captura e das metamorfoses de Proteu nos será exposta com veemência na marcação rítmica. Por outro lado, a prosa de Donald não deixa de marcar pontos também neste quesito. A sequência em *staccato* de períodos curtos, com os quais Schüler descreve a captura e as metamorfoses de Proteu, emprestam à prosa o dinamismo dos versos. Mais importante - esse dinamismo alude a ação da captura, e captura a urgência do momento.

O modelo que procurei propor, da tradução homérica como atividade proteica baseado na análise de traduções sucessivas, despreocupado com o estabelecimento de hierarquias entre as versões conflitadas, não tem vocação prescritiva. Dificilmente se prestará a dizer qual das traduções é a melhor, não tem nada a dizer sobre qual a maneira correta de abordar o texto homérico e não tem o menor interesse em revelar qual das versões é mais fiel ao texto canônico da Odisseia. Entretanto, o confronto pontual de versões elaboradas dentro de uma determinada tradição, historiografia ou polissistema literário, é uma ferramenta poderosa para estabelecer relações insuspeitadas dentro dessa tradução. As propostas muito diferentes dos projetos de Schüler e Odorico Mendes, são um grande exemplo disso. Através desse confronto

podemos traçar uma linha sinuosa que compreende toda uma escola de tradução, profundamente enraizada na cultura literária brasileira.

Metamorfoses ambulantes

Uma monstruosidade sucessiva. Começa no projeto de transcrição latinizante da epopeia clássica de Odorico. Segue na influência desse projeto sobre a ruptura de Sousândrade em o *Guesa Errante*, onde se chama Odorico de ‘papai rococó’. Renasce no projeto concretista, da tradução criativa, que estabelece uma paridade das influências dos maranhenses Odorico Mendes e Sousândrade, junto com o *Make it New* de Ezra Pound. Incidentalmente, o programa tradutório homérico de Pound no Canto XI da Odisseia, embora pautado no verso livre, é tão latinizante quanto o de Eurico, como já o mencionamos. Mas tomemos agora um desvio: o programa renovador do concretismo e suas teorias de tradução criativa, levaram os irmãos Campos a trabalhar na tradução dos primeiros fragmentos do *Finnegan’s Wake*.

Foi esse *Panorama do Finnegan’s Wake*, por sua vez, que inspirou a transcrição integral do Finn – levada pelo próprio Donald Schüler, que manteve o título sugerido pelos Campos (Finícius Revém) -- cuja edição ostenta uma dedicatória ao mestre Haroldo. Eis que a tradução de Donald da Odisseia fecha um ciclo de transformações proteicas iniciado com as epopeias traduzidas de Odorico, cujos trechos da Odisseia estão aqui confrontados à tradução de Schüler. Proteu transforma-se em leão jubado; em pantera; em cerdo/javali; em dragão/dragão; em riacho e árvore copada; em água corrente; e em tronco de alta copa. Proteu é ora Homero, ora Odorico, ora Sousândrade; ora Décio, Augusto e Haroldo; ora Donald Schüler. Nessa sucessão de metamorfoses surge toda uma cultura literária.

Contra Homero? Qual, nada. A favor, isso sim, de sua multiplicidade recombinate, de sua proteica metamorfose ambulante – que se exprime em suas traduções. “Qual dessas muitas traduções é fiel,

talvez queira saber o meu leitor, Repito que todas ou nenhuma.”⁴⁹ (BORGES, 1996, p. 240) O colégio invisível dos tradutores homéricos chega a eclipsar o texto original – o que não implica em desconsideração para com o texto grego que nos foi legado. Pelo contrário, se torna cada vez mais relevante a disponibilização de traduções especializadas, voltadas para o estudo do texto original, e que tornem a versão homérica ‘original’, de Pisístrato, acessível a um número cada vez maior de interessados. Assim garantimos a continuidade desse fluxo tradutório. Que cada geração tenha os seus Aedos, o seu Homero.

Referências Bibliográficas

ARNOLD, M. *On Translating Homer: Three Lectures Given at Oxford*. 1861. Disponível em: http://www.victorianprose.org/texts/Arnold/Works/on_translating_homer.pdf

AUBRETON, R. *Introdução a Homero*. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: USP, 1968.

ASSUNÇÃO, T. R. *Nota sobre um experimento tradutório* (“Lotófagos”, Odisseia IX, 82-104). Texto não publicado, 2012.

BORGES. J. L. *Las Versiones Homéricas*. In: BORGES. J. L. *Obras Completas, 1923-1949*. Barcelona: Emecé, 1996.

_____. *El Inmortal*. In: BORGES. J. L. *Obras Completas, 1923-1949*. Barcelona: Emecé, 1996.

⁴⁹ “¿Cuál de esas muchas traducciones es fiel?, querrá saber tal vez mi lector. Repito que ninguna o que todas.”

BORGES, J. L. ; GUERRERO, M. Baldanders. In: BORGES, J. L. *El libro de los seres imaginarios* (1967). Madrid: Alianza, 1998.

BURGESS, J.S. Neoanalysis, Orality, and Intertextuality: An Examination of Homeric Motif Transference. *Oral Tradition*, Vol. 21, n.1, Março, 2006, p. 148-189.

CAMPOS, A. *Despoesia*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

COSTA, W. C. Borges, o original da tradução. *Cadernos de Tradução*. v. 1, n. 15, 2005.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. 2 Ed. Antônio Medina Rodrigues. São Paulo: USP, 1996.

_____. *Odisseia I: Telemaquia*. Tradução de Donald Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.

JENSEN, M.S. *The Homeric Question and the Oral-Formulaic Theory*. Copenhagen: Museum Tusculanum, 1980.

KEATS, J. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. (Org.) São Paulo: Hedra, 2010.

MOREIRA, M. E. R. Questões de Tradução em Jorge Luis Borges e Italo Calvino. *Alea*. V. 11, n. 2, julho-dezembro, 2009. p. 249-263.

ONG, W. *Orality and literacy: the technologizing of the word*. Nova York: Routledge, 1982.

POUND, E. *Poesia*: traduções de Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, J. L. Grunewald, Mário Faustino. 3. ed. São Paulo e Brasília: Hucitec/UNB, 1993.

VARSOS, G. J. *The persistence of the Homeric question*. Tese de Doutorado: Universidade de Genebra, 2002. Disponível em: <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:155>